

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **A PEDRA FORMOSA. BIOGRAFIA DA PEDRA FORMOSA POR ORDEM CRONOLÓGICA.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1929 | Número: 39

---

### **Como citar este documento:**

CARDOSO, Mário, A pedra formosa. Biografia da pedra formosa por ordem cronológica. *Revista de Guimarães*, 39 (1-2) Jan.-Jun. 1929, p. 87-102.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## A Pedra Formosa

(Cont. da pág. 152 do vol. ant.)

### c) - U s o

Qual seria o uso dado, entre os citanienses, a êsse grande bloco de tão estranha forma e proporções? Qualquer que fôsse a sua aplicação, devemos, em primeiro lugar, estabelecer a hipótese de êle nunca ter chegado a desempenhar a missão a que era destinado. Porquê? Porque, facto aliás bem palpável, o acabamento da Pedra está nitidamente incompleto, em vários pontos. Comparem-se as fig. 1 e 4: no ponto correspondente a C (fig. 4), o cavado de forma quadrangular, que se observa claramente no seu simétrico, não está executado ali; a pedra ficou apenas começada a trabalhar, naquele sítio. Outra parte incompleta é a das faixas de forma hemi-cilíndrica que sobressaem na Pedra: no ponto D (fig. 3) vê-se claramente que a intenção do canteiro era dar a essas superfícies cilíndricas a forma de corda ou *tôrso* (muito vulgar na ornamentação da Citânia e Sabroso), que chegou a começar, executando somente algumas espiras. Dos bordos da Pedra também pode dizer-se que apenas um, aquele onde está praticado o cavado em semi-círculo, se encontra mais ou menos perfeito; todos os outros lados do hexágono são toscamente cortados, talvez partidos a martelo, sem a intervenção do pico ou do cinzel. Finalmente, na parte oposta à chanfradura semi-circular existem na Pedra dois profundos rebaixos ou sulcos rectilíneos, tangentes à parte superior da cavidade cilíndrica (linhas ab e bc da fig. 4), que destruíram em parte a ornamentação anterior-

mente ali gravada (1). ¿ Com que fim foram executados estes largos e fundos sulcos que parece pretendiam dar à Pedra a forma pentagonal em vez da hexagonal? ¿ Seriam estes rebaixos praticados pelo autor do restante trabalho? ¿ Ou terão tais sulcos sido praticados, vandâlicamente, pela intervenção, muito posterior, de qualquer pedreiro, com o fim de adaptar a Pedra a determinado local, no período que medeia entre a ocasião em que ela foi descoberta na Citânia e a sua colocação no adro de Santo Estêvão? Sarmento chegou a architectar a hipótese de, colocada a Pedra verticalmente, naqueles sulcos descansarem as duas águas de um tecto (2). Em suma: além de grosseiramente inculpida, o que é natural e explicável, a *Pedra Formosa* revela evidentes indícios de ter ficado por acabar, bastante incompleta, facto menos natural (3) se quisermos afirmar que dela se fez uso, fôsse qual fôsse a sua aplicação; antes de a entregar ao seu destino definitivo, o artista acabaria por certo a sua obra.

Voltemos, porém, abstraído o seu acabamento, ao fim a que era destinada a Pedra, facto dominante e principal que nos interessa. Quatro hipóteses foram apresentadas, até hoje: a) a *Pedra Formosa* era o *frontão* de um monumento fúnebre (Hübner); b) *ara* de sacrificios (Sarmento, Virchow (4), Guimet, etc.) ou pedra de libações, *sacra mensa* (H. Martin, Leite de Vasconcelos); c) *stela* funerária (J. Possidónio); d) *accubitum* (J. Cabré y Aguiló). Todos estão de

---

(1) Sarmento afirmou que a ornamentação se encontra intacta e que, portanto, foram primeiramente abertos estes sulcos e depois gravado o desenho (Ob. cit. XVIII — pág. 655, nota). O exame atento da Pedra não nos dá tal impressão, mas sim que o desenho, nas partes não atingidas pelo corte é profundamente inciso e nas restantes muito menos profundo e apagado; os cortes não entram, porém, suficientemente na Pedra para destruírem por completo as ligações do desenho.

(2) XXVIII.

(3) XIX.

(4) Rudolf Virchow, célebre médico e antropologista alemão, falecido em 1902; visitou a Citânia, bem como Henri Martin, Guimet, e outros sábios estrangeiros, em 1880, a quando do Congresso de Antrop. e Arqueol. prehist. reunido nesse ano em Lisboa.

acôrdo em lhe attribuir um carácter religioso, e não meramente utilitário e vulgar; diferem, porém, na interpretação do simbolismo ritual. Vejamos as probabilidades e fundamentos de cada hipótese.

Emílio Hübner foi a mais notável autoridade que advogou a ideia de a *Pedra Formosa* ser um frontão de qualquer monumento funerário <sup>(1)</sup>, aceitando a sugestão de Possidónio da Silva <sup>(2)</sup>. Esta opinião foi discutida e rebatida por Sarmiento, com uma lógica irrefutável <sup>(3)</sup>; entre os argumentos dêste ressaltava a afirmação de que, sendo a base do presumido frontão muito irregular e estreita (24 cm.) relativamente às restantes dimensões, difficilmente se equilibraria na posição vertical, a não ser presa com ferro ou sólida argamassa, materiais de construção que, como é sabido, não se usavam no povoado castrejo, o qual apresenta substruções demasiadamente frágeis para poderem ter suportado tamanho pêso como o dêste bloco <sup>(4)</sup>. A pedra esculpida da «Porta dos Leões», de Mycenae, constituída por um só bloco com uma forma aproximada à da *Pedra Formosa* e dimensões bastante superiores (3,<sup>m</sup>60 na base, 3<sup>m</sup> de altura e 0,<sup>m</sup>60 de espessura) estava colocada por cima da citada porta; porém, fortemente encaixada na espessura ciclópea da muralha da acrópole <sup>(5)</sup>. Assim podia ter estado colocada a *Pedra Formosa*, num monumento fúnebre *colossal* (é de Hübner o térmo, muito caracteristicamente alemão); mas o certo é que os vestígios dêsse

(1) X e XIV.

(2) IV.

(3) XI.

(4) Referindo-se às casas da Citânia escreveu Sarmiento: «O seu aparelho é de duas folhas, o externo de pedras grandes ou pequenas, ou tudo á mistura, quasi sempre sem regularidade alguma nas fiadas, o interno geralmente de pedras pequenissimas. Encontrar pedra de travação que ligue as duas folhas é quasi um milagre. A argamassa é barro ou terra.» (Cf. ob. cit. sob o n.º XI — pág. 25, nota 22; veja também notas 5 e 8 da mesma obra acerca do raro aparelho helicoidal — *opus reticulatum* — e ciclópeo na architectura citaniense).

(5) Cf. as seguintes obras: Schlieman — *Mycènes* — Paris, 1879 — pág. 84, Pl. III; Perrot et Chipiez — *Histoire de l'Art dans l'antiquité* — Paris, 1894 — vol. VI, pág. 316 e 732; Valoux — *L'Architecture grecque* — Paris, 1888 — pág. 23; etc.

monumento grandioso deviam ter chegado aos nossos dias, pelo menos os seus alicerces, como chegaram até hoje os humildes vestígios das habitações citanienses, onde tudo se revela «pobre, rude e atrasado» (1), sem grandezas monumentais, muito embora a pobreza dos nossos antepassados fôsse aquela «pobreza forte» de que, com tanta propriedade, nos fala Alberto Sampaio. Admitindo ainda a hipótese de a Pedra ter pertencido, como frontão, a um monumento funerário (apesar de no interior do primeiro recinto de mura, lhas, cercando imediatamente a povoação, onde, segundo os autores citados no começo d'êste estudo, foi encontrada a Pedra, não terem aparecido os menores vestígios de monumentos congêneres ou mais humildes (2) que fôssem) — a essa ideia se opõe o facto evidente de, colocada a Pedra na posição vertical, não encontrarmos explicação para a utilidade que poderiam ter certas cavidades nela praticadas, e às quais é tempo de nos referirmos.

A *Pedra Formosa* apresenta (fig. 8), junto ao recorte semi-circular e partindo da parte superior dêsse recorte, primeiro uma cavidade semi-lunar B (3) e em seguida uma cavidade triangular C (4), ladeada por duas outras cavidades semi-lunares mais pequenas; a cavidade triangular comunica por um orifício com a cavidade semi-lunar maior e esta com o recorte em semi-círculo por uma goteira A. O fundo destas cavidades, comunicantes entre si, é em pronunciado declive para o exterior, desde o vértice da cavidade triangular até ao extremo da goteira. O tópo da Pedra, junto ao exterior da goteira (considerando a Pedra na posi-

(1) Veja pág. 293 da ob. cit. com o n.º XXXII.

(2) Sarmento, nas suas explorações da Citânia, nunca chegou a encontrar qualquer necrópole. Localizou, porém nas imediações, mas em sítios relativamente distantes do circuito das muralhas, vários *tumuli*, ou mamôas, que parece quererem provar-nos que desde as mais remotas eras, os citanienses não enterravam os seus mortos no interior do *oppidum*. (Veja pág. 32 da obra sob o n.º XI e pág. 103 a 111 da obra n.º XXVIII).

(3) Tem 30 cm. na base; 47 cm. de perímetro do arco e 10 cm. na ordenada máxima.

(4) Tem 13 cm. na base, por 15 cm. em cada um dos outros lados.

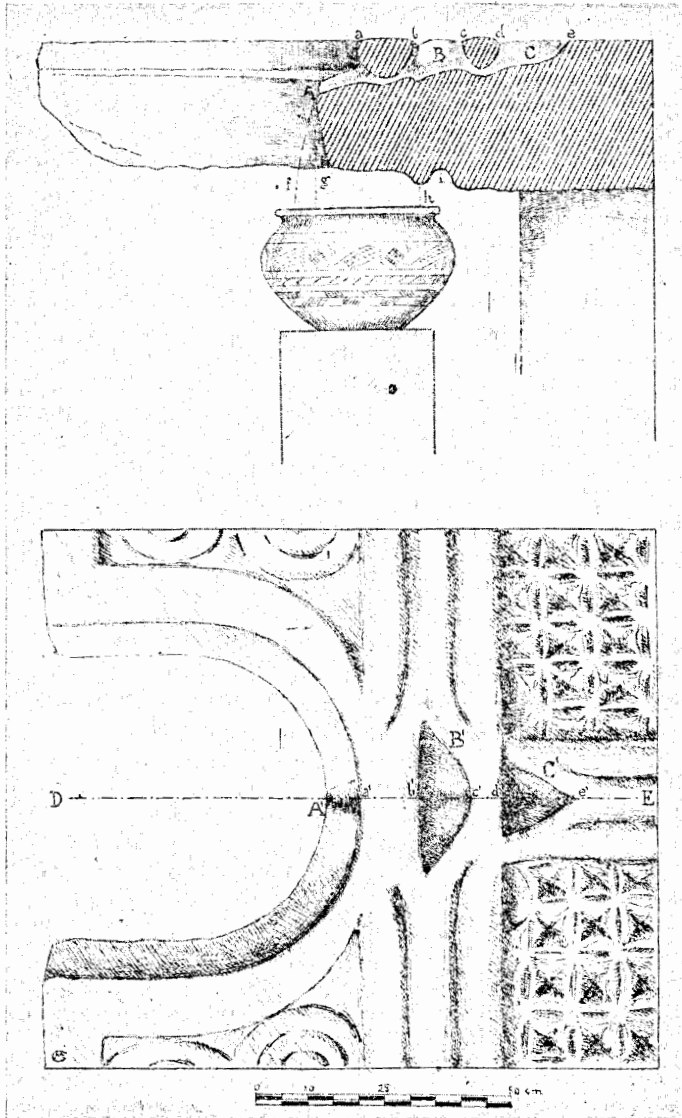


Fig. 8 — Detalhe da Pedra Formosa: corte das cavidades comunicantes, segundo a linha  $\overline{D E}$

ção horizontal), não é talhado perpendicularmente, mas sim inclinado da parte anterior para a posterior e de cima para baixo. Finalmente, a superfície da Pedra, oposta à face ornamentada, apresenta (na altura de uma perpendicular tirada pela cavidade semi-lunar) uma protuberância (h), seguida imediatamente de uma reentrância (i).

¿Qual o fim de tôdas estas cavidades, que nada influem na decoração geral da Pedra? Supondo-a colocada verticalmente, não achamos para elas satisfatória explicação; pelo contrário, na posição horizontal, o seu fim resalta manifesto, evidente: — qualquer líquido recebido nas cavidades C ou B é completamente extravasado pela goteira A. Observemos o corte representado na fig. 8: pelos dispositivos àcêrca dos quais chamámos a atenção do leitor, existentes no tôpo da Pedra a seguir à goteira, bem como na face inferior, êsse líquido, vasado na cavidade C, por exemplo, passa todo para a cavidade B e daqui para a goteira A, correndo, primeiramente impetuoso, segundo uma trajectória curva (f); depois cai na vertical (g), e, por último, quando está quasi esgotado, escapa-se encostado à face da Pedra, lateral e inferiormente, até à saliência (h), além da qual não passa e donde, necessariamente, cai outra vez na vertical, gota a gota (1). Assim, todo o líquido vasado pode ser facilmente recolhido, na sua totalidade, num recipiente, colocado inferiormente, que tenha apenas uns 25 a 30 cm. de bôca. Esta é uma experiência fácil de praticar, que nos leva à evidência da utilidade das cavidades descritas. Mas estando a Pedra colocada verticalmente, ¿como se explicará o uso destas cavidades? A evidência experimental criou a grande maioria dos partidários do suposto altar de sacrificios, talvez sacrificios humanos ou de animais (2): pelas cavidades

(1) Não conheço autor algum que se haja referido a esta protuberância, cujo fim é evidentíssimo. Disposição idêntica, executada com a intenção manifesta de não deixar perder o líquido de um manancial precioso, encontra-se nas bicas de pedra de certos lagares antigos, pelo menos na região do Minho.

(2) Segundo Strabão e outros AA., os lusitanos imolavam aos deuses, praticando sacrificios humanos e de animais. (Strabão — L. III, C. III, 6, 7).

descritas correria, se não todo, pelo menos uma parte do sangue da vítima inolada, cujas palpitantes entranhas o arúspice observaria. O exame atento destes detalhes da Pedra faculta-nos uma contra-prova tão completa da sua utilidade, que chega a causar surpresa que ela oferecesse dúvidas a alguém e desse motivo a certas discussões que podem classificar-se quasi de estéreis. E' certo que vários estudiosos discutiram o significado dêste monumento, simplesmente à face de uma gravura (quanta vezes péssima!) (1), sem jamais terem procedido a uma observação directa.

Primeiramente Henri Martin (2) e mais tarde o Sr. Leite de Vasconcelos, aceitando também a Pedra na posição horizontal, assentam na exclusão da ideia dos sacrifícios humanos; querem que a Pedra tenha sido aplicada para rituais menos ferozes, e servido para «libations plus innocentes». Por analogia com o que directamente observou no Museu Guimet e nos do Cairo e Alexandria, afirma o Sr. Leite de Vasconcelos que a *Pedra Formosa* seria uma *pedra de libações, table d'offrandes*, espécie de segundo altar, *sacra* ou *augusta mensa* (3) (cf. s. v. *Ara*, in «Dict. des

---

(1) Entre as reproduções da Pedra Formosa, que citamos na nota 1 de pág. 143 (vol. 38.º desta *Rev.*), uma das peores e mais falsas, verdadeiro desenho fantasiado, é a que acompanha o Relatório de Virchow, que apontamos sob o n.º XVII, na Bibliografia.

(2) XVI.

(3) Cf. XXX. O Sr. Leite de Vasconcelos, a propósito destes monumentos e desta ordem de práticas religiosas, dá-nos a reprodução de uma pequena tábua pre-histórica, de granito, existente no Museu Etnológico, proveniente de uma anta de *Perafita* (nome derivado de *petra ficta*, antiga demarcação de terrenos, como esclarece A. Sampaio n-*As Villas do Norte de Portugal*, in «Estudos Hist. e Econ.» — Pôrto, 1923 — vol. I, p. 46-47), no concelho de Alijó, explorada pelo Dr. Henrique Botelho (cf. *O Arch. Port.*, vol. IV, p. 187 e fig. 4); parte de um monumento igual, em schisto, existe no Museu da Soc. M. S., também proveniente de uma anta (Vila Chã — Barcelos), explorada por Martins Sarmiento. Sendo certo que nenhuma semelhança existe entre a forma destas pequenas tábulas e a da Pedra Formosa, pode, todavia, de tais achados inferir-se que as fórmulas rituais, porventura praticadas sobre esta Pedra pelos romanizados citanienses de Briteiros, tinham, já nessa época, uma tradição remota, que vinha do antigo culto dos mortos do período megalítico. As numerosas cavidades, redondas, quadrangulares, etc., praticadas em rochedos, que aparecem com frequência nas

Ant. grec. et romaines», de Daremberg & Saglio — Paris, 1874 — t. I, p. 349), na qual o sacerdote entornava o vinho ou outros líquidos ofertados ao conviva único — a divindade (1). O próprio Sarmento, conforme o fez notar a Emílio Hübner, em carta de 16-2-1880 (2), convencido aliás de que a Pedra era uma ara, nunca afirmou claramente que ela servisse para sacrifícios «no sentido de se esquarterar ali uma rês qualquer», pois, como se pode observar facilmente, o sangue derramado na mesa não é possível escoar-se todo (devido aos ornatos e relevos desta superfície) para as cavidades C e B, de saída (fig. 8). Portanto, para estas cavidades desempenharem, de uma forma evidente e completa, a função que lhes é naturalmente atribuída, torna-se necessário que os líquidos derramados, o sejam ali directamente.

Emílio Guimet (fundador de um grande Museu em Lyon, mais tarde transferido para Paris, destinado ao estudo das práticas religiosas do Oriente) e bem assim Cartailhac admitiram também, ainda na suposição dos sacrifícios humanos, a ideia de a vítima ser presa, por meio de qualquer forte laime, passando nos orifícios que dão comunicação às cavidades (3); mas, sendo os orifícios destinados a tal fim, nem se tornaria necessária a goteira A (fig. 8), nem tampouco o fundo das cavidades seria em acentuado declive, nem, finalmente, se explicará com facilidade a aplicação do bordo (h) ou protuberância inferior da Pedra. Estes autores lembram também que as cavidades semi-lunares mais pequenas, que se encontram de um e outro lado da cavidade triangular e não têm qualquer orifício de comunicação, serviriam para aí serem forçados

---

proximidades e até no interior dos castros, às vezes com sulcos e orifícios para escoamento de líquidos, às quais o nosso povo dá o nome de «*pias*», «*lagares*», «*açougues*» dos mouros, etc., teriam, talvez, um fim idêntico, para esta natureza de libações religiosas (cf. «*Antigüedades prehistóricas y célticas de Galicia*», por Villanil y Castro — Lugo, 1873 — p. 32 — *Peñas altares*).

(1) XXX, pág. 484.

(2) Esta carta faz parte da numerosa colecção de autógrafos de Sarmento a Hübner oferecidos à S. M. S., em Fevereiro de 1929, pelo Sr. Dr. Rudolf Hübner, da Universidade de Jena.

(3) XVIII e XIX.

a encostar os calcanhares da vítima humana, em decúbito dorsal.

Acêrca da utilidade da cavidade cilíndrica superior lembrou Sarmento a ideia de que o seu fim fôsse para sustentar ali, encaixada, qualquer estatueta idolátrica, na posição vertical (1). Já ouvimos a hipótese da fixação de um poste naquela cavidade, ao qual a vítima fôsse amarrada fortemente; porém a sua diminuta profundidade (5 cm.) parece-nos excluir tal ideia.

Comentemos agora, com breves palavras, a opinião do nosso Possidónio da Silva — hipótese da *stela* (2): os argumentos contrários a esta opinião são aqueles que já citámos e que rebatem a opinião de Hübner, quando êste afirma, igualmente, tratar-se de um monumento fúnebre, muito embora inteiramente diverso do tipo da *stela* ou do *cippus* romano (cf. nota 2 de pág. 90). O arqueólogo Possidónio chegou a ver, em certos ornatos da pedra, algarismos romanos, representando o número da legião e da coorte de algum famoso guerreiro (cf. na Pedra — fig. 1 — a parte correspondente ao campo F, da fig. 4, e ao simétrico dêste). ; A que extremos de fantasia pode levar-nos, por vezes, a vontade de afirmar e descobrir!

Finalmente, resta-nos analisar a hipótese mais recente que conhecemos: a de que a *Pedra Formosa* seria um *accubitus* (3). ; Em que se baseia o seu autor, o arqueólogo espanhol Sr. Juan Cabré, para lançar esta hipótese? Simplesmente no facto de a face não ornamentada da Pedra apresentar, junto ao bôrdo do lado superior do hexágono (veja fig. 4 — reverso do local *d*), na parte direita (para o observador colocado na galeria, por debaixo da Pedra), um tôsko gravado que, só com muito boa-vontade, poderá ser tomado como a representação de um *phallus* (fig. 9).

Vários autores se têm referido a esta gravura, sem lhe encontrarem analogias evidentes com qualquer objecto definido. Sarmento absteve-se de emitir

(1) XXVIII e XI.

(2) IV.

(3) XXXI. A palavra «*accubitus*», em Daremberg & Saglio — *Dict. des Antiquités gr. et rom.* — Paris — 1873-1906, dá-nos uma significação pouco apropriada ao caso presente.



Fig. 9 — Insculptura no reverso da Pedra, segundo a fotografia dum decalque.  
(Dimensões : 0,20 x 0,15)

hipóteses, convencido talvez de uma intervenção acidental, muito posterior à execução da pedra, o que é mais natural. Já Virchow <sup>(1)</sup> e Cartailhac <sup>(2)</sup> se referem à «figure bizarre». J. Possidónio chamou-lhe «letra mural» <sup>(3)</sup> e Teixeira de Aragão — «espécie de monograma» <sup>(4)</sup>. Sempre a fantasia dos epigrafistas! O Sr. Leite de Vasconcelos e Emílio Hübner chamaram-lhe «sinal inexplicado» <sup>(5)</sup> e «signum» <sup>(6)</sup>. Mas o ilustre Arqueólogo espanhol Sr. Cabré, foi decisivo quando afirmou nas «Actas y Memorias da Soc. Esp. de Antr.,

<sup>(1)</sup> XVIII.

<sup>(2)</sup> XIX.

<sup>(3)</sup> Veja Manuscritos de Sarmiento — vol. IV, cad. 37, p. 10 (Bibl. da S. M. S.).

<sup>(4)</sup> XX.

<sup>(5)</sup> XXX.

<sup>(6)</sup> XXIV.

Etnol. y Preh.": "... el único grabado que existe en el reverso de la peña, por completo sin labra, en bruto, *es un phalus*" (1). Parece-nos todavia que, num *accubitum* desta espécie, o *phallus* deveria constituir um motivo principal, não esquecido na ornamentação; o autor da Pedra esculpi-lo-ia facilmente, de uma forma clara, pelo menos tão realista, como usaram representá-lo os romanos (por ex., em amuletos [2], imagens itifálicas, etc.), e nunca pudicamente escondido no reverso da pedra, e tão vaga e imperfeitamente delineado que tanto pode imaginar-se um *phallus* como outra coisa muito diferente (fig. 9). Coerente com a sua própria opinião, o Sr. Cabré vê nos cordões que dividem a face ornamentada da Pedra (fig. 4) a estilização da figura humana (cf. pág. 143 — vol. XXXVIII da *Rev. de Guim.*), talvez a de uma mulher em acto de ser fecundada. Poderia ainda este A. aduzir, em refôrço da sua interpretação, o sentido dado por Colonna-Ceccaldi (*Monuments antiques de Chypre* — pág. 180, 181) ao losango cíclico, que entra na ornamentação da Pedra (cf. págs. 146-147 do vol. XXXVIII da *Rev. de Guim.*), considerando-o emblema funerário representativo do órgão feminino. A Pedra seria pois dedicada ao *culto fálico*, e sôbre ela os contemporâneos da civilização citaniense praticariam a cópula, em determinados casos de esterilidade. O Sr. Cabré y Aguiló espraia-se em considerações muito eruditas e curiosas sôbre este *culto, danças rituais fálicas com carácter funerário*, etc., e cita, em seu abôno, Leite de Vasconcelos (3) e Vergílio Correia (4). Porém,

(1) XXXI. Cf. também XXXII e XXXV.

(2) Ob. cit. com o número XXX — pág. 525 a 529.

(3) Cf. *Tradições populares de Portugal* — Pôrto, 1882 — pág. 91 — n.º 203.

(4) Cf. *Monumentos e Esculturas* — Lisboa, 1924 — 2.ª ed., pág. 159-160. As pedras a que a superstição popular attribui propriedades genesiâcas são quasi sempre lapas informes ou simples penedos, na maioria dos casos sem quaisquer insculpturas, situados em montes ou lugares mais ou menos isolados, como convém à prática dos actos que a virtude dessas pedras implica. Seria, portanto, coisa inédita uma pedra, inteiramente ornamentada, para tal fim, e colocada no centro de uma povoação, imediatamente ao pé das habitações.

acaba por nos dizer, prudentemente, que a sua opinião não passa de mais uma *simples hipótese*.

Seria talvez ocasião de, antes de terminarmos este ligeiro estudo sobre a Pedra Formosa, nos referirmos à evolução dos altares sacrificatórios através das idades. Desde os remotos tempos do culto primitivo da pedra, em que o altar se resumia num aglomerado de calhaus informes, que a ferramenta manejada pelo homem «não profanara ainda» — o velho altar, já referido nos textos do Antigo Testamento <sup>(1)</sup> — até às modalidades elegantes e artísticas das aras greco-romanas; desde as pequenas ámulas votivas, onde se queimavam os perfumes, até aos enormes altares, onde corria o sangue palpitante das vítimas; desde a cândida mesa de oferendas, onde se depunham os succulentos frutos, os vinhos odorosos, as brancas pombas, até à pira bárbara onde eram incinerados os corpos abatidos na hecatombe feroz — quantas variantes, quantos aspectos diversíssimos do mesmo ritual arcaico, da mesma ideia-máter da oferta material, grata aos deuses, aos entes divinizados, ou necessária àqueles que a morte fez entrar nos domínios do sobrenatural! Penedos *com cavidades*, pedras *balouçantes*, *altares naturais*, *dolmens*, *menhirs*, pedras *com virtudes* várias, penedos de *encantamentos*, etc., ¿serão porventura exteriorizações litolátricas que entre si possuem uma estreita afinidade, cimentada pelo decurso de muitos milénios? Dissertar aqui, a propósito do uso da Pedra Formosa, sobre tão vasta matéria, mais própria de um curso de Antiquidades Sacras ou de uma História das Religiões, pouco adiantaria, por certo, para a identificação deste monumento, além de que nos afastaríamos do âmbito restrito dos nossos conhecimentos e da modesta intenção vulgarizadora, desta pequena monografia. Por outro lado, aos nossos processos de trabalho repugna a exibição de uma pretensa erudição, quantas vezes ligeiramente adquirida no rápido compulsar de uma variada bibliografia ao alcance de toda a gente. Salientaremos apenas

---

(1) *Gen.*, XXVIII, 18; *Ex.*, XX, 24, 25; *Deut.*, XXVII, 5, 6; *Josué*, XIII, 31.

que a dilatada evolução pela qual, através dos séculos, tem passado a forma das *aras*, é uma razão a mais para podermos admitir que a Pedra Formosa, com as suas linhas invulgares, sua decoração bizarra e seus dispositivos especiais, possa ter sido aplicada ao mesmo fim.

Parece-nos inútil divagar, por mais tempo, sobre a questão. O uso da Pedra Formosa ficou assente, não diremos definitivamente, mas com muita segurança crítica, por Sarmento, Henri Martin, Leite de Vasconcelos e outros: — *mesa de oferendas religiosas, ara de sacrificios*, revestissem as cerimónias nela praticadas o carácter sanguinário, ou incruento.

E' tempo de darmos por findo este breve e despretencioso estudo. Eis o que até hoje se tem adiantado sobre um tão discutido e interessante monumento arqueológico.

## BIBLIOGRAFIA DA "PEDRA FORMOSA," (por ordem cronológica)

- I P.<sup>o</sup> Luiz Alvares de Figueiredo — *Relação das cidades antigas* — Ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa (A. I, 25-26). A propósito deste fólio veja Barbosa Machado — *Bibl. Lus.* — 1747 — tomo II.
- II Francisco Xavier da Serra Craesbeck — *Memorias resuscitadas da Provincia de Entre-Douro-e-Minho* — 1726 — Ms. da Bibl. Nac. de Lisboa — n.<sup>o</sup> 217 do Núcleo Geral.
- III P.<sup>o</sup> Jeronymo Contador de Argote — *Memorias para a historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga* — Lisboa, 1734 — tomo II, 459-460.
- IV Joaquim Possidonio Narciso da Silva — «Esculptura Romana conhecida pelo nome de Pedra Formosa, achada em Portugal, e o que ella representa», no *Boletim da*

- Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes* — Lisboa, 1876 — 2.ª série, n.º 9, pág. 136.
- V **Simão Rodrigues Ferreira** — *Ruínas da Citania* — Pôrto, 1877 — pág. 19.
- VI **F. Martins Sarmento** — *Citania — Explicação das Fotografias* — 1877 — pág. 19-20.
- VII **Luciano Cordeiro** — «Uma visita à Citania», no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* — 1877 — n.º 2, pág. 96-97.
- VIII **A. Filipe Simões** — «A Citania de Briteiros», no *Instituto* — Coimbra, 1877 — vol. XXIV, 279.
- IX — *Introdução à Archeologia da Peninsula Iberica* — Lisboa, 1878 — nota 2.ª, pág. 159.
- X **Emilio Hübner** — «Citania», na *Archeologia Artistica* — Pôrto, 1879 — vol. I, fasc. V, pág. 19.
- XI **F. Martins Sarmento** — *Observações à Citania do Snr. Doutor Emilio Hübner* — Pôrto, 1879 — pág. 16 a 32.
- XII **Joaquim d'Araujo** — «Ruínas da Citania», na *Renascença* — Pôrto, 1879 — pág. 46.
- XIII **Gabriel Pereira** — *Notas d'Archeologia* — Evora, 1879 — pág. 49.
- XIV **Emilio Hübner** — «Citania — Altherthümer in Portugal», *Hermes — Zeitschrift für classische philologie* — Berlin, 1880 — pág. 60, e «Citania — Weitere Arterthümer aus Portugal», na mesma revista, pág. 599.
- XV **Émile de Cartailhac** — *Materiaux pour l'Histoire primitive et naturelle de l'Homme* — Paris, 1880 — vol. 15, pág. 501.
- XVI **H. Martin** — *Revue Archéologique* — Paris, 1880 — vol. 40, pág. 302, e 1881 — fasc. IX, pág. 160.

- XXVII **R. Virchow** — Relatório de uma excursão à Citânia de Briteiros, em *Zeitschrift für Ethnologie* — XII, 346. («Aus den Verhandlungen der Berliner anthropologischen Gesellschaft — Sitzung am 20. November 1880»).
- XXVIII — Versão francesa do Relatório anterior, no *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie préhistoriques* — *Compte Rendu de la neuvième Session à Lisbonne — 1880* — Lisbonne. Typ. de l'Acad. Royale des Sciences — 1884, 653.
- XIX **Émile de Cartailhac** — *Agès préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* — Paris, 1886 — 288 a 290.
- XIX-A **José Augusto Vieira** — *O Minho Pittoresco* — Lisboa, 1886 — vol. I, 617.
- XX **A. C. Teixeira de Aragão** — «Citania», na *Revista Archeologica e Historica* — Lisboa, 1887 — vol. I, 42.
- XXI **Ricardo Severo** — *Paleoethnologia Portugueza* — Pôrto, 1888 — II, 91 e 92.
- XXII **Emilio Hübner** — *La Arqueologia de España* — Barcelona, 1888 — pág. 232.
- XXIII — *Römische Herrschaft in Europa* — Berlin, 1890 — pág. 245.
- XXIV — *Corpus Inscriptionum Latinarum — Voluminis secundi Supplementum — Inscriptionum Hispaniae latinarum* — Berolini, 1892 — pág. 896, 897.
- XXV **Christovam Ayres** — *Historia do Exercito Portuguez* — 1896 — vol. I, 429-30.
- XXVI **F. Martins Sarmiento** — «A arte mycenica no Noroeste de Hispanha», na *Portugalia* — 1899-903 — tómo I, pág. 5.
- XXVII **Pierre Paris** — *Éssai sur l'Art et l'Industrie d'Espagne primitive* — Paris, 1903-04 — vol. I, 35.

- XXVIII **F. Martins Sarmiento** — «Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães», na *Revista de Guimarães* — vol. 21 — 1904 — pág. 8-55-57-103 a 111 e 117, e vol. 22 — 1905 — pág. 31.
- XXIX **Joaquim de Vasconcellos** — «Arte decorativa portugueza», nas *Notas sobre Portugal* — Lisboa, Imp. Nac., 1908 — vol. II, 179-80.
- XXX **J. Leite de Vasconcelos** — *Religiões da Lusitania* — vol. III — 1913 — pág. 81 e 616.
- XXXI **J. Cabré y Aguiló** — «Una nueva hipótesis acerca de *Pedra Formosa* de la Citania de Sabroso», nas *Actas y Memorias da Sociedad Española de Antropologia, Etnografía y Prehistoria* — Año I, tomo I, 1922 — pág. 74 a 78.
- XXXII **Mendes Corrêa** — *Os povos primitivos da Lusitania* — Pôrto, 1924 — pág. 284.
- XXXIII **Aarão de Lacerda** — *O Fenómeno religioso e a Simbólica* — Pôrto, 1924 — pág. 262, 263.
- XXXIV **Alexandre Herculano** — *Historia de Portugal* — Lisboa, 8.<sup>a</sup> ed., 1927 — tómo I, pág. 85.
- XXXV **Mendes Corrêa** — «A Lusitânia pré-histórica», na *História de Portugal* — Ed. comemorativa do 8.<sup>o</sup> Cent.<sup>o</sup> da Fundação da Nacionalidade — Barcelos, 1928 — p. 194.
- XXXVI **José R. Mélida** — *Arqueologia Española* — Barcelona, 1929 — pág. 89-90.

MÁRIO CARDOZO.